

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 195

Data: 26/03/87

Pg.: _____

A paciência dos índios

Lúcio Flávio Pinto

O último prazo que os índios Gaviões haviam recebido, das autoridades supostamente competentes para resolver o problema da invasão da reserva Mãe Maria, era de 60 dias. O prazo terminou 40 dias atrás — e trata-se de uma questão que se arrasta há mais de cinco anos. Na terça-feira de madrugada os índios começaram a se agrupar no quilômetro 702 da ferrovia de Carajás, quase na divisa do Pará com o Maranhão. Alertada na véspera pelos próprios Gaviões, a Companhia Vale do Rio Doce — concessionária da ferrovia — decidiu suspender o tráfego. Dez horas depois, sem precisar recorrer à polícia, a empresa conseguiu que os índios aceitassem os trens voltarem a cruzar normalmente pela reserva.

Eles fizeram novo acordo em troca de mais um prazo: no próximo dia oito o ministro da Reforma Agrária, Dante de Oliveira, trará ao Pará uma providência concreta para remanejar os 136 posseiros que um apêndice do Mirad, o Getat (Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins), instalou em território indígena. Ainda havia um detalhe pendente no acordo: o ministro quer o encontro em Belém; os Gaviões pretendem que o ministro vá à aldeia Mãe Maria, em Marabá. Estão cansados de peregrinar pelos caminhos da burocracia oficial, reduto de papéis e palavras.

Quando bloqueiam os atos, estes dois elementos do ritual de poder brasileiro acabam engendrando situações difíceis, como a que foi criada na ferrovia de Carajás. O preconceito facilita as demonstrações de má vontade para com os grupos indígenas, assim, sempre haverá um grande número de pessoas dispostas a condenações imediatas.

Mas antes de anatematizar a heresia representada pelo bloqueio de uma via de transporte da importância da ferrovia de Carajás por uma minoria étnica subsistente no país, é preciso ponderar melhor as coisas. Certamente não se pode condicionar o funcionamento da ferrovia a pendências laterais (a destinação da linha, no entanto, mereceria melhor questionamento). Mas a segunda maior via de escoamento de minério e uma das mais modernas do Brasil encontra-se na condição de ter que conviver com realidades primitivas socialmente explosivas. É seu calcanhar de Aquiles, algo que não se resolve nas pranchetas da engenharia econômica.

O detonador do bloqueio (expressão que a CVRD considera inadequado, negando qualquer ato de hostilidade contra a ferrovia) é um desses bric-a-brac que só se consegue entender com referência ao paquidêmico elefante governamental. O Getat criou o problema ao assentar colonos em áreas indígenas e assistir indiferentemente ao avanço das invasões. Tinha que resolvê-lo, o que não fez. O ministro promete que agora virá a saída, mas a que está esquadrihada ainda se assenta num erro de concepção: que já não diz respeito ao problema dos Gaviões: a desapropriação de castanhais. Mesmo quando finalmente age, movido de sua letargia pelas crises, o governo não consegue nos surpreender com sua competência, produto em crônica falta no seu almoxarifado.

Neste episódio, os índios, depois de um ato de protesto bombástico, mas absolutamente pacífico, superado através de negociação, foram os únicos a dar demonstração de algo de que muito nos orgulhamos em nosso etnocentrismo e invariavelmente nos esquecemos de praticar no cotidiano: civilidade.